

O torturado e o torturador, juntos

"As técnicas mais eficientes e menos prejudiciais — eram humanas dentro das possibilidades — para se obter informações eram a água (enfiar a cabeça do prisioneiro dentro d'água até o limite de sua resistência) e dependurar a pessoa. O interrogado que fica dependurado chega a uma situação em que perde sua resistência, não somente física, mas moral. Ele fica pendurado, com as mãos para trás, até quando você sente que sua conjuntura (músculos e ossos) está cedendo. Então ele fala. Se não fala, não adianta fazer mais nada, porque nada falará". Depoimento exclusivo de um oficial das Forças Armadas Argentinas a "O Estado".

"Na noite seguinte, é a

minha vez de ser conduzido ao andar de cima onde sou interrogado sob tortura, como os demais homens e mulheres que ali estiveram. Despertei-me totalmente e me colocam de braços para trás, dependurado pelos pulsos, até uns 20 ou 30 centímetros do chão. Ao mesmo tempo, colocam me uma espécie de aparelho com várias terminações elétricas. Quando este é conectado, a vítima recebe choques por vários pontos ao mesmo tempo"

Depoimento do jornalista uruguai Enriquie Rodriguez Larreta ao Alto Comissariado para Refugiados.

dos, organismo das Nações Unidas.

Rodriguez Larreta foi sequestrado em 1º de julho de 1976 em Buenos Aires, quando procurava seu filho e nora desaparecidos na Argentina. Ele estava em uma base clandestina, onde encontrou outros uruguaios também seqüestrados. O oficial entrevistado pelo Estado — ele não permitiu que fosse revelado seu nome — interrogou muitos uruguaios em uma base clandestina. Todos os

dados indicam que os dois — Larreta e o oficial argentino — estiveram num mesmo lugar, porque são muitas

as coincidências em seus depoimentos: o oficial argentino esteve com Margarita Michellini, Larreta também; ele entregou ao governo uruguaios os prisioneiros desta nacionalidade em Buenos Aires, e Larreta foi um destes prisioneiros, o oficial, comandante de uma base, se diz um apaixonado por Adolf Hitler, e Larreta disse que viu na base uma grande foto do dirigente nazista.

Os dois depoimentos mostram claramente como os dois lados acompanharam a guerra da Argentina: de um lado, o interrogado e torturado, contando o seu sofrimento, de outro, o interrogador defendendo a necessidade da tortura para acabar com o terrorismo.

Este uruguai escapou da morte na Argentina

No dia 1º de julho de 1976, fui informado por minha nora desaparecimento de meu filo, Enriquie Rodriguez Larreta Martínez, uruguai, casado, 26 anos, pai de um menino de cinco anos, de profissão jornalista, com residência legal na Argentina desde o ano de 1973. Meu filho era diretor estudantil no Uruguai. Em 1972, foi detido pelo Exército e mantido incomunicável durante nove meses, submetido a torturas que foram denunciadas no Congresso na época funcionando no Uruguai. Finalmente, o processo que se tentava forjar contra ele foi arquivado por falta de provas e meu filho viajou com a família para Buenos Aires, onde trabalhava no jornal "El Cronista Comercial".

Tive de dividir da maneira mais simples possível a notícia do desaparecimento de meu filho, que foi facilmente publicada em Buenos Aires. No dia 12 de julho, retornei o recurso de habeas corpus fornecendo à Justiça os dados que conseguira sobre a detenção de meu filho. Na noite de 13 para 14 de julho, um bando de entre 10 e 12 homens armados após penetrar no edifício de apartamento onde residiam meu filho e minha nora, ameaçaram o portão que pediu uma identificação, cercaram a porta do apartamento e invadiram sem mostrar qualquer tipo de ordem de invasão do local.

imediatamente, algemaram a minha nora e a mim, sem dar razões nem dar explicações. Cobriram nossas cabeças com capuzes e, sem sequer permitir que nos vestissemos — estávamos em trajes de dormir —, fomos levados da casa e colocados numa caminhonete fechada, após um tratamento violento e em meio a insultos. A viatura na qual viajávamos dirigiu-se a outra casa e, após uma parada de alguns minutos, fomos entrar em casa. Depois fomos conduzidos para um local onde, para escondermos, foi necessário levantar uma cortina metálica muito baratinha. Uma vez lá, sem previsão de momento brusco e velho, sem me permitir a menor explicação nem darm-me outra resposta que não fosse pânico e insucesso, fui me exibir identificado e fui destruído que naquele local.

Com o correr dos dias, posso perceber que todos os que participam das operações de seqüestro e todos os guardas são argentinos. Os guardas, pelo tratamento que usam entre si parecem pertencer ao Exército argentino, enquanto os que participam nas operações não são dessa impressão. Entre eles se distingue um homem de uns 35 anos, muito corpulento que avança pelo apelido de "Papai" e age com brutalidade e ostentação de força, valendo-se de que consegue derribar qualquer tipo de porta.

Nos interrogatórios e nas torturas participam diretamente oficiais do Exército uruguai. Alguns dizem pertencer a um grupo denominado "Ocas" (Organismo Coordenador de Operações Anti-subversivas), e se identificam, no tratamento entre si pelo nome de Oscar, segundo de um número "Oscar 1" é um oficial de alta patente que poderia ter uns 45 anos, de estatura média, gordo, cabelos brancos e a quem chamam também pelas alcunhas de "El Tardío". Consigo escutar por volta de dez numeros, correspondentes a oficiais com patente de capitão ou mais alta. Vários dentre eles parecem, pelos comentários, residir habitualmente na Argentina.

Na noite de 15 de julho conduziram N para o local outras três pessoas sequestradas. Ao se identificar e reiniciar conversa dos guardas, pude tomar conhecimento de que se tratava da advogada Manuela Santucho e de Carlos Santucho (ambos irmãos de Mário Roberto Santucho, dirigente do chamado ERP, o Exército Revolucionário do Povo) e de uma enfermeira de tatuá larga. Essa enfermeira parece ter sido construída posteriormente.

Do fundo da casa, a determinadas horas, chega o barulho característico de um retoço escolar, o que permite afirmar que funciona uma escola nas instalações. Na frente da casa, a pouca distância, passa uma extensa de ferro. Segundo comentários dos guardas, na mesma esquina há uma oficina de automóveis.

No dia 24 de julho, mandaramos para o local outras três pessoas que se encontravam em um apartamento, ficando aí os demais homens e mulheres que ali estiveram. Despertei-me totalmente e me colocaram de braços para trás, dependurado pelos pulsos, até uns 20 ou 30 centímetros do chão. Agremo tempo, colocaram-me uma espécie de aparelho com várias terminações elétricas. Quando este é conectado, a vítima recebe choques por vários pontos ao mesmo tempo. Esse aparelho, chamado de

água, que coloca entre os sequestrados e

guardas insultam e castigam os seqüestrados, acusando-os de responsáveis pela morte de um capitão uruguai no qual encontro armado e durante que "vão borrar a cabeça de todo o mundo" naquele tanque. A noite, com o pretexto de que Carlos Santucho devia constantemente avançar sobre ele e ameaçá-lo com o que achavam serem correntes, pois se ouvia o barulho das correntes. Previamente dependurava-se em cima do tanque, segurando no topo, o aparelho cortando, explicando ao suspeito sua utilização. Porque envergonhava passar uma corrente que amarrava os correntes nas quais foi envergonhado Samucho, enquanto também nos explicava deshonestamente a manobra.

Naquele momento, um oficial argentino trouxe um exemplar do jornal Clarão onde é narrada a manobra pelo qual foi morto Mário Roberto Santucho, obrigando Manuela Santucho a ler para nós a notícia em voz alta. Enquanto isso, Carlos Santucho e introduziu dentro do tanque cheio de água, por entre risos e insultos, e imediatamente espancou cada vez que emergia. Foi só depois que aquele tratamento durou muito tempo, o que nos surpreendeu, dito que segundo comentários dos próprios guardas, ele nunca tivera atividade política. Depois percebemos que o ocorrido já não tem mais sinais de vida. Um amarre e levaram-no enterrando na viatura. Manuela Santucho e sua cunhada permaneceram mais uns dez dias conosco e depois foram conduzidas a um outro lugar que desconheço.

chefe do desacordado argentino

O é um oficial de alta patente e quem seus subordinados chamam de "El Jefe" ou "El Jovat", o que em língua argentina significa "O Velho". Ao chegar, não há lugar onde permanecemos deitados, foi ele quem nos identificou. Fui pegado e estava com o saco que me cobria a cabeça, que é um lenço de uns 50 a 55 anos, de aproximadamente 1,75m de altura, de cor pálida, fortes trincas marcadas pelo barulho contínuo, um pouco grisalho. Cuidado, botas, calças de montaria e túnica tipicamente militar.

O local onde estive detido tem, como já disse, uma grande porta de aço com cortina de enrolar, o que se percebeu em cada entrada e saída de veículos. A entrada de veículos era através de um túnel que previamente pessoal de guarda, com vários minutos de antecedência, dava sinal que me cobria a cabeça, que é um lenço de uns 50 a 55 anos, de aproximadamente 1,75m de altura, de cor pálida, fortes trincas marcadas pelo barulho contínuo, um pouco grisalho. Cuidado, botas, calças de montaria e túnica tipicamente militar.

Tais fatos são os únicos do gênero

que posso relatar nestes meses. Ao ser libertado, soube que em setembro

foi denunciado o desaparecimento de dezenas de refugiados uruguaios

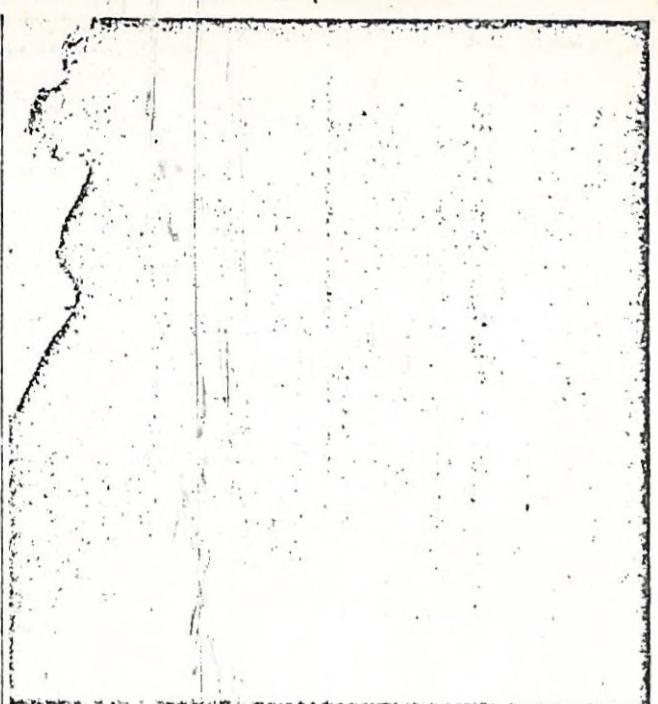
em Buenos Aires, incluindo três crianças pequenas, seqüestradas junto com os pais. De todos esses, assim como de Gatti, Duarte e Méndez, não se pode saber até hoje se estão vivos ou mortos.

Por tudo isso, considero-me moralmente obrigado a denunciar os fatos de que fui vítima e testemunha. Tudo o que declaro é absolutamente verdadeiro e sobre isso existem provas abundantes. Se as autoridades militares uruguaias ou argentinas exigirem, estou disposto a me deslocar com elas diante de um tribunal e em seu caso a permitir que uma comissão internacional de investigação visite os lugares onde estive seqüestrado, entreviste as pessoas que estiveram conigo e declare se este testemunho está ou não de acordo com a verdade. Diante da constatação do mundo civilizado responsável ao autoridades militares uruguaias ou argentinas, estou disposto a me deslocar com elas para o Brasil e na boca e todos os seqüestradores — menos eu — foram atingidos com as mãos para trás. Estava com uma ferida inflamatória no pulso esquerdo provocada pelo rebarbado quando me amarraram com esperadragão. Obrigaram-nos a subir na carroaria de um caminhão e a sentar-nos no chão. Em cima de nossas cabeças, encostadas nas paredes laterais da caminhonete, colocaram tântus formando uma espécie de fundo duplo.

(a) Enrique Rodriguez Larreta Piera

as coincidências em seus depoimentos: o oficial argentino esteve com Margarita Michellini, Larreta também; ele entregou ao governo uruguaios os prisioneiros desta nacionalidade em Buenos Aires, e Larreta foi um destes prisioneiros, o oficial, comandante de uma base, se diz um apaixonado por Adolf Hitler, e Larreta disse que viu na base uma grande foto do dirigente nazista.

Os dois depoimentos mostram claramente como os dois lados acompanharam a guerra da Argentina: de um lado, o interrogado e torturado, contando o seu sofrimento, de outro, o interrogador defendendo a necessidade da tortura para acabar com o terrorismo.



O oficial prepara um livro com seus segredos

Este oficial revela os segredos da repressão

O oficial das Forças Armadas da Argentina confirma houve tortura de adversários do regime, os corpos dos quais morreram durante os interrogatórios eram cremados jogados em ruas ou enterados fora de Buenos Aires, um grupo dos serviços de inteligência invadiu a sede do Alto Comissariado das Nações Unidas para Assuntos de Refugiados para microfilmar as fichas dos deslocados políticos. Os oficiais se revoltaram com uma bomba contra o Departamento de Polícia, mataram seus autores, fuzilaram-nos e dinamitaram seus corpos, um oficial de uma base de organização de repressão adotou uma ironia de um casal de uruguaios que apareceu durante um interrogatório.

O oficial que por motivos de segurança não permitiu que fosse revelado seu nome fez uma entrevista ao Estado para nos contar a história secreta da guerra contra as organizações "Montoneros" (jihadistas) e "Exército Revolucionário do Povo" (trotskista). Ele não é um "torturador arriscado", é um "defensor da democracia". Ao final, o diretor do Serviço de Inteligência e os governos militares tinham a incompreensão dos civis para governar a Argentina e proteger um regime social-nacionalista e crivo o seu país.

Comandante de uma das bases de inteligência

de inteligência, ele relata que a estrutura de informação montada para reprimir o movimento guerrilheiro, montada exclusivamente na Argentina dentro do Serviço de Inteligência da Força Aérea (SAF) e o Serviço Nacional de Informações (SNI).

O sistema empregado era muito parecido ao usado pelos próprios organizadores extremistas. As bases tinham um comandante que respondia diretamente ao secretário de Inteligência (o nível de ministério), mas seu funcionamento era autônomo. As bases formavam uma espécie de escola e seus integrantes não conheciam os outros comandantes.

O oficial argentino revela que a

base funcionava em uma casa comum,

com fachada "fita" produzidos de importação, frutas da terra. Além do comandante, havia um segundo chefe geral, um chefe de Inteligência e outro de Inteligência Operativa. Todo o resto do pessoal era formado por oficiais das Forças Armadas. Até o cozinheiro era um oficial.

Tais fatos são os únicos do gênero

que posso relatar nestes meses. Ao ser libertado, soube que em setembro

foi denunciado o desaparecimento de dezenas de refugiados uruguaios

em Buenos Aires, incluindo três

crianças pequenas, seqüestradas junto com os pais. De todos esses, assim como de Gatti, Duarte e Méndez, não se pode saber até hoje se estão vivos ou mortos.

Por tudo isso, considero-me

moralmente obrigado a denunciar os

fatos de que fui vítima e testemunha. Tudo o que declaro é absolutamente verdadeiro e sobre isso existem provas abundantes. Se as autoridades militares uruguaias ou argentinas exigirem, estou disposto a me deslocar com elas diante de um tribunal e em seu caso a permitir que uma comissão internacional de investigação visite os lugares onde estive seqüestrado, entreviste as pessoas que estiveram conigo e declare se este testemunho está ou não de acordo com a verdade. Diante da constatação do mundo civilizado responsável ao autoridades militares uruguaias ou argentinas, estou disposto a me deslocar com elas para o Brasil e na boca e todos os seqüestradores — menos eu — foram atingidos com as mãos para trás. Estava com uma ferida inflamatória no pulso esquerdo provocada pelo rebarbado quando me amarraram com esperadragão. Obrigaram-nos a subir na carroaria de um caminhão e a sentar-nos no chão. Em cima de nossas cabeças, encostadas nas paredes laterais da caminhonete, colocaram tântus formando uma espécie de fundo duplo.

(a) Enrique Rodriguez Larreta Piera

gava de que desse certo na base de tortura. Tudo bem. Mas sempre se tratou o prisioneiro como prisioneiro, tanto homem quanto mulher.

O objetivo principal dos interrogadores era encontrar o equivalente a contradição para desarmar a guerrilha e, para isso, era necessário, segundo o oficial das Forças Armadas, ter o maior número de possíveis informações sobre "redutos, pessoas, nomes e endereços". Os homens encarregados da segurança descreveram que os extremistas usavam um sistema infantil, mas eficiente, todos os dias uma pessoa passava em frente a um lugar determinado com uma revista de arco e flecha. Quando ele não passava, havia uma curta hora marcada previamente. Se não passasse a seis horas, por exemplo, deveria passar novamente ao meio dia e se não passasse neste horário, a outra curta hora marcada. Assim, por reação em cadeia, deixava de entrar em contato com uma segunda pessoa e via com uma terceira, que era a sua substituta.

O comandante da base contou em sua longa entrevista que os prisioneiros que interrogava contavam os deitados para os dirigentes das organizações Políticas Revolucionárias, os "33 Orientais", o "OF-33", a polícia das Fazendas, que estavam encarcerados. Toda a estrutura deste grupo foi desmantelada pelos serviços de inteligência da Argentina e as pessoas capturadas — que não morreram — foram encarceradas no interior do país, em prisões militares, que eram instalações de tortura para os militares de base e os servidores de inteligência.

O sistema empregado era muito parecido ao usado pelos próprios organizadores extremistas. As bases tinham um comandante que respondia diretamente ao secretário de Inteligência (o nível de ministério), mas seu funcionamento era autônomo.

O primeiro interrogatório era feito sob tortura para conseguir obter o máximo de informação, no mínimo de tempo. O comandante da base das unidades de inteligência da Argentina trouxe em seu carro uma máquina de escrever, papel, café e leite, tudo o que não podia ser fornecido.

O oficial argentino revela que a base funcionava em uma casa comum, com fachada "fita" produzidos de importação, frutas da terra. Além do comandante, havia um segundo chefe geral, um chefe de Inteligência e outro de Inteligência Operativa. Todo o resto do pessoal era formado por oficiais das Forças Armadas. Até o cozinheiro era um oficial.

Por que os guerreiros perderam? A resposta é rápida e objetiva: "Perderam porque falevam e falavam porque não tinham o que falar". O problema era diferente para eles. Por isso que hoje em dia a estrutura guerreira na Argentina acabou. Não porque mataram 20 mil mas porque os sobreviventes nunca tiveram causa.

A história secreta da guerra os métodos de interrogatório, a morte dos extremistas, a execução de adversários do regime, estes serão os temas do depoimento exclusivo do oficial argentino que publicaremos amanhã.

Amanhã o oficial organiza o bordão: toda a história da repressão em seu país.

Confidências de um interrogador

O "argentino" mantiu o pedido de liberdade, repousou parado e fez sobre a toalha e olhou para o amigo que o acompanhava no aeroporto:

— Vou-lhe contar um segredo: sou oficial das Forças Armadas, sou argentino e trabalhei até pouco tempo no Serviço de Inteligência.

Entrou a mão no bolso, puxou uma carteira e dela tirou uma cédula de identidade, com timbre da Marinha, mas sem foto, apenas nome e posto. E, em muitos momentos ou em apertos de finais de tarde, ele fazia desfilar histórias de sua vida, que pretendia, uma hora qualquer, transformar em livro.

— Tenho muito o que contar. Sei que, com o luto, nunca mais voltarei à Argentina, mas é um riso que tenho de correr, a não ser que comprove que governo e meus companheiros recebemos anistia.

A tristeza de não poder voltar ao seu país era uma constelação em seu rosto de quando chegava à cidade, num fria tarde de junho de 1979, em busca de emprego. Seguiu que contaria a novo patrão, na caixa de quem morava depois de algum emprego perdido num modesto hotel. Havia problemas políticos. Chegara ao Brasil 17 de maio daquele ano e foi recusado, perdendo todos os documentos que a carteira das Forças Armadas, que não seria para nada, a não ser para confirmar seu condão, e que, de fato, era de fidelidade e portaria só a classe social da qual era filha.

— Vou-lhe contar um segredo: sou oficial das Forças Armadas, sou argentino e trabalhei até pouco tempo no Serviço de Inteligência.

Entrou a mão no bolso, puxou uma carteira e dela tirou uma cédula de identidade, com timbre da Marinha, mas sem foto, apenas nome e posto. E, em muitos momentos ou em apertos de finais de tarde, ele fazia desfilar histórias de sua vida, que pretendia, uma hora qualquer, transformar em livro.